

## **Imagens fotográficas geradas por Inteligência Artificial - limites éticos e impacto na formação profissional<sup>1</sup>**

Jorge Carlos FELZ FERREIRA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG)

### **RESUMO**

Como agir diante do uso da inteligência artificial para gerar imagens elaboradas, com qualidades técnicas e estéticas rigorosas a ponto de causar comoção ou de serem confundidas com imagens realísticas? A crescente sofisticação da inteligência artificial generativa (IAG) possibilitou a geração de imagens extremamente realistas, indistinguíveis das reais à primeira vista. Isso apresenta um desafio significativo para a sociedade, pois tais imagens podem ser usadas para espalhar desinformação, criar notícias falsas e manipular a opinião pública. Em discussões com alunos de graduação, surgiram várias questões acerca do uso e dos limites éticos e legais das imagens geradas por IA. Neste texto, procuramos discutir como são limítrofes as questões éticas e legais envolvidas, a noção flusseriana de fotografia como conceito/ símbolo (o que a afasta da ideia de relação direta com o referente e a aproxima do símbolo peirceano) e, principalmente buscamos pensar como tais questões implicam na formação dos profissionais que lidam cotidianamente com essas novas tecnologias da imagem que chegaram para ficar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotojornalismo; Inteligência Artificial; Princípios Éticos; Manipulação da Imagem.

### **Introdução**

Em um aula introdutória ao Fotojornalismo, os alunos ao serem apresentados ao programa da disciplina e a alguns pontos que seriam abordados durante o semestre, iniciaram uma discussão acerca das possibilidades do uso de Inteligência Artificial Generativa (IAG) pelo jornalismo, em especial pelos fotojornalistas. O debate em sala de aula foi enriquecedor e chamou nossa atenção para o objeto de maior preocupação entre eles em relação ao tema Inteligência Artificial Generativa (IAG): a vulnerabilidade dos personagens ou sujeitos retratados face a uma possível manipulação ou alteração por IA e, principalmente, quais os limites legais e éticos que poderiam ser aplicados à produção fotojornalística frente o uso dessa tecnologia.

Outro ponto interessante foi a imediata lembrança da imagem (figura 1) de Kate Middleton (princesa Kate)<sup>3</sup>, como referência de imagem gerada/ manipulada por

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Professor Adjunto do Departamento de Técnicas Profissionais da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (TCE/FACOM/UFJF). Jornalista e fotojornalista profissional. Coordenador do Laboratório de Pesquisas em Jornalismo Gráfico e Visual (Graphos).

<sup>3</sup>Criada por IA ou, no mínimo, editada por um programa de inteligência artificial, a foto foi publicada inicialmente na conta oficial dos príncipes de Gales no domingo, 10 de março de 2024. Embora fosse uma imagem “pessoal”, não jornalística, logo foi disseminada por agências e sites de notícias e gerou imediatamente uma discussão acerca da autenticidade da imagem e, após a verificação de que diferentes partes da imagem indicavam manipulação ou geração por uso de IA, essa “imagem” recebeu um selo de

Inteligência Artificial. Ainda que a “imagem”, que chamou a atenção dos estudantes, seja uma imagem de caráter “pessoal”, publicada por uma conta no Instagram - ainda que oficial - onde são publicadas imagens e mensagens sem o caráter informativo, recentemente a web foi inundada por outras imagens se confundem com imagens informativas/ jornalísticas, como as supostas fotos da prisão de Donald Trump (figura 2).

**Figura 1 - Foto “ original” - princesa Kate Middleton e filhos**



Fonte: <https://mediatalks.uol.com.br/2024/03/11>

**Figura 2 - registro, entre muitos que viralizaram nas redes, mostra o ex-presidente norte-americano reagindo com violência à suposta prisão**



Fonte: Associated Press

aviso do Instagram e as agências Associated Press (AP), Reuters e Agence France-Presse (AFP) imediatamente deixaram de distribuir a imagem. Para além das discussões sobre a saúde da princesa ou das fofocas palacianas em torno da família real britânica, a divulgação da imagem apresenta, para nós, profissionais e pesquisadores da imagem fotográfica, uma série de questões que buscaremos tratar neste texto. A imagem e algumas discussões acerca da manipulação pode ainda ser vista em sites e repositórios como em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crg3x7jrr0mo>.

Geradas e disseminadas pelo jornalista Eliot Higgins, fundador do site Bellingcat<sup>4</sup>, as imagens foram produzidas na plataforma *Midjourney*<sup>5</sup> e circularam intensamente pelas redes, especialmente pelas mãos dos partidários do próprio Trump.

Embora possam passar despercebidas a uma primeira observação, as imagens são facilmente verificadas como falsas e além de terem sido bloqueadas por sites e plataformas de redes sociais, custaram o banimento do criador das imagens da plataforma de IA usada para gerar as imagens. O autor alegou que criou as fotos falsas para criar um tópico viral no X (ex-Twitter), mas alegou tê-lo feito apenas para como uma brincadeira, deixando claro na descrição se tratar de "imagens criadas".

**Figura 3 - O Papa Francisco vestido com uma jaqueta puffer branca**



Fonte: Revista Forbes <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/>)

Essas imagens, assim como as do Papa Francisco com um casaco pop<sup>6</sup> (figura 3), levantam discussões acerca do uso da inteligência artificial para gerar imagens elaboradas, com qualidades técnicas e estéticas rigorosas a ponto de causar comoção ou de serem confundidas com imagens realísticas.

---

<sup>4</sup>**Bellingcat** é um site de jornalismo investigativo com sede na Holanda especializado em verificação de fatos e inteligência de código aberto (OSINT). A Bellingcat publica as descobertas de investigações de jornalistas profissionais e cidadãos sobre zonas de guerra, abusos de direitos humanos e o submundo do crime. Os colaboradores do site também publicam guias de suas técnicas, bem como estudos de caso. Ver: <https://www.bellingcat.com/>.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.midjourney.com/home>.

<sup>6</sup> Imagens podem ser visualizadas em: <https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/foto-do-papa-francisco-com-casaco-estiloso-foi-gerada-por-ia-244462/>. As imagens falsas do Papa foram criadas pelo artista Pablo Xavier na plataforma Midjourney.

---

Uma outra questão que surgiu nas discussões em sala de aula foi como identificar uma imagem gerada ou manipulada por IA e uma fotografia verdadeira. Tal questão, muito mais complexa do que podemos imaginar, exige de nós, um esforço considerável para responde-la tendo em vista que esse conceito de “imagem verdadeira”, ou que tenha relação clara e precisa com seus referentes ou objetos retratados, é relativo.

Apesar da relevância de todas as questões levantadas pelos estudantes, a dificuldade de pensarem em imagens com impacto informacional maior do que as imagens da princesa, e que podem ou foram geradas por IA, algo que precisamos discutir é como construir e alinhar a formação e os currículos dos cursos da área da comunicação para que os novos profissionais possam lidar com essas novas tecnologias.

### **Uma volta no tempo**

Quando da defesa da dissertação de Mestrado, um dos avaliadores disse que todos os presentes eram “dinossauros” da fotografia. Criados e treinados na fotografia analógica, pré-digital, estávamos ali discutindo o potencial radical da fotojornalismo na web<sup>7</sup> e as implicações não apenas da adoção da fotografia digital como sua junção com este novo ambiente de produção e distribuição.

Passados mais de 20 anos, nos deparamos mais uma vez com uma “crise” na produção cotidiana de imagens fotográficas: como lidar com as potencialidades das novas tecnologias, em especial o uso da inteligência artificial generativa<sup>8</sup> (IAG) capaz de gerar imagens do “zero” a partir de prompts (comandos) de texto?

Nascida no início do século XIX, a fotografia surge na esteira das inovações advindas com a revolução industrial e as grandes alterações sociais, políticas e econômicas do período. Os primeiros processos fotográficos exigiam longas exposições e a pose dos retratados, mas o automatismo - a imagem capturada sem a intervenção da mão humana - garantia à fotografia uma “aura” de verdade e cópia fiel da realidade.

---

<sup>7</sup> **O Fotojornalismo na web.** Dissertação de mestrado. S. B. do Campo: Universidade Metodista de S. Paulo, 2005. Disponível em: [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS\\_60028cfea04ffdbbbeda4c51a32f4e1b](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_60028cfea04ffdbbbeda4c51a32f4e1b).

<sup>8</sup> IA generativa (Generative AI ou IAG) é o nome dado a um subconjunto de tecnologias de *machine learning* de IA que desenvolveram recentemente a capacidade de criar conteúdo rapidamente em resposta a solicitações via texto, que podem variar de curtas e simples a muito longas e complexas. Diferentes ferramentas de IA generativa podem produzir novos conteúdos de áudio, imagem e vídeo, mas foi a IA conversacional orientada por texto que despertou a imaginação dos desenvolvedores. Na verdade, as pessoas podem conversar e aprender com modelos de IA generativa treinados em texto, praticamente da mesma forma que fazem com os humanos. (disponível em: <https://www.oracle.com/br/artificial-intelligence/generative-ai/what-is-generative-ai/>).

---

A partir da metade do século XIX, o desenvolvimento de novos processos e equipamentos, permitem o congelamento das ações, (fotografia instantânea) e o flagrante do cotidiano, reforçando a relação da imagem fotográfica com seus referentes, o “isso foi” (Barthes, 1984). Entretanto, a ideia da fotografia que toma por base sua analogia com o referente ou objeto não é capaz de dar conta da complexidade dessa, que é a primeira das imagens técnicas produzidas por aparelhos.

A imagem fotográfica é resultado de uma ação inicial do fotógrafo - o olhar sobre o acontecimento - e uma série de ações técnicas e programáticas: a seleção do enquadramento, o que fica e o que não entra na cena, o uso do aparelho (a câmera) que segue uma determinada programação prévia, a utilização de determinados parâmetros técnicos (abertura/velocidade, distância focal, etc.) e estéticos (uso dos recursos de linguagem visual) e, na medida que tal imagem capturada é tratada/ editada/ revelada para posterior distribuição, há outros fatores e ações que podem, deliberadamente ou não, afetar o resultado final (aquilo que será visto pelo expectador). A imagem fotográfica será assim, uma intenção, nem objetiva muito menos neutra uma vez que a fotografia se construiu, como processo, não apenas para “fazer ver”, como para “fazer crer”.

Para Flusser (2002), as imagens técnicas, como a fotografia, se originam na concretização de abstrações, através da reunião de pontos zerodimensionais, como no acionamento dos grãos de prata ou pixels. Fotografias são conceitos

(...) programados, visando programar magicamente o comportamento de seus receptores. Mas não é o que se vê quando para elas se olha. Vistas ingenuamente, significam cenas que se imprimiram automaticamente sobre superfícies. Mesmo um observador ingênuo admitiria que as cenas se imprimiram a partir de um determinado ponto de vista. Mas o argumento não lhe convém. O fato relevante para ele é que as fotografias abrem ao observador visões do mundo (Flusser, 2002, p.37).

Fruto do desenvolvimento tecnológico e científico do século XIX, a fotografia, mais que simplesmente registrar impressões do mundo físico, traduz textos e teorias em imagens. Assim, embora a fotografia possa ter muitas funções e usos em nossa sociedade, o princípio de sua existência está na materialização dos conceitos da ciência ou, para usar as palavras do próprio autor, ela “transforma conceitos em cenas” (2002, p.43). Neste sentido, pensar a fotografia como um documento que traz relação direta com seus referentes (ideia de índice semiótico) é, no mínimo problemático.

**Figura 4 - The Raid (Frank Hurley, 1914)**

Fonte: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2017/may/29/great-australian-photographs-frank-hurleys-the-raid-an-audio-essay>

Para compreendermos a fotografia (especialmente a fotojornalística) e todas as suas relações com o mundo, é necessário compreender o processo do “(...) gesto fotográfico, no movimento do complexo fotógrafo-aparelho” (Flusser, 2002, p. 41) uma vez que a fotografia será, sempre, resultado das intenções codificadoras do fotógrafo e do aparelho.

**Figura 5 - Country Doctor': W. Eugene Smith's Landmark Photo Essay**

Fonte: <https://www.life.com/history/w-eugene-smiths-landmark-photo-essay-country-doctor/>

---

Partindo então da premissa que imagens são concretizações de abstrações (ideias e conceitos) que ocorrem na interação fotógrafo-aparelho, poderíamos compreender melhor (o que não significa aceitar) a manipulação da imagem, que sempre foi algo muito presente e anterior ao advento das tecnologias digitais.

A manipulação das imagens pode ser observada desde os primeiros retratos, posados em estúdios simulando ambientes externos, passando pelas imagens da Guerra da Crimeia (1853-1956) ou da Guerra Civil nos EUA (1861-1865), nas imagens de Frank Hurley<sup>9</sup> (figura 4) produzidas nos fronts da 1ª Guerra Mundial (1914-1918) num tempo em que as fotografias já frequentavam rotineiramente as páginas de jornais e revistas (muito embora ainda não possamos chamar tais imagens de fotojornalísticas); nos foto-ensaios memoráveis de Eugene Smith (figura 5) que, acusado por muitos de encenar fotografias, ao que ele respondia que a “minha honestidade reside na minha capacidade de compreensão” (NYTimes, 2013)<sup>10</sup>.

O grande problema moderno é que não se trata apenas de “pontos de vista” mas do uso de ferramentas e plataformas capazes de gerar imagens fotorrealistas. No fotojornalismo, a imagem fotográfica é resultado da perspectiva do fotógrafo, é sua interpretação do acontecimento. O uso da IA é que ela vai além do que é um “reflexo verdadeiro” do que ocorre. A ideia de que fotografias jornalísticas devem ser representações “justas e precisas” do que o fotógrafo testemunhou, com o emprego das ferramentas de IA, não faz mais sentido algum.

Como nem sempre as imagens geradas por IA serão declaradas nos créditos ou legendas, consumimos tais imagens como reais ou verdadeiras. Como isso envolve questões éticas que não se pode reduzir a uma fórmula matemática, a questão depende muitas vezes das perspectivas dos indivíduos envolvidos. Um exemplo é a imagem do Trump preso, criada por IA (a qual nos referimos anteriormente neste texto). Para alguns é só uma brincadeira, para outros é algo muito preocupante e perigoso.

---

<sup>9</sup>fotógrafo australiano da expedição liderada pelo irlandês Ernest Henry Shackleton em 1914, com destino à Antártica. As suas fotos imortalizaram a saga do navio *Endurance*, utilizado na viagem. Durante a 1ª Guerra, produziu muitas imagens dos campos de batalha. Uma de suas fotografias, denominada “The Raid”, é claramente uma montagem de diversos negativos para parecer um grande instantâneo das ações no campo de batalha.

<sup>10</sup> Eugene Smith publicou na **Revista Life** algumas grandes reportagens que, ainda hoje, são considerados como bons exemplos de como se deve construir/ estruturar uma fotorreportagem: *Country Doctor* (1948 - disponível em: <https://www.life.com/history/w-eugene-smiths-landmark-photo-essay-country-doctor/>), *Spanish Village* (1951, disponível em: <https://www.life.com/people/life-behind-the-picture-w-eugene-smiths-guardia-civil-1950>) *Nurse Midwife* (1951, disponível em: <https://www.life.com/history/w-eugene-smith-life-magazine-1951-photo-essay-nurse-midwife/>).

---

## Fotojornalismo e IA

O fotojornalismo é um campo que foi profundamente transformado pela tecnologia digital a partir da década de 1990 e nos últimos anos, pela incorporação de recursos de inteligência artificial. A emergência de novas tecnologias e softwares proporcionou aos fotojornalistas capacidades antes inimagináveis. Os fluxos de trabalho e configurações das câmeras fotográficas mais básicas, hoje contam com recursos de IA que a maioria dos usuários nem se dá conta.

Alguns dos controles mais comuns que são resultado do uso de IA em câmeras modernas incluem: (a) foco automático (AF); detecção de faces e olhos; (c) rastreamento de objetos; (d) foco profundo; (e) exposição automática; (f) balanço de branco automático e (g) redução de ruído. Além disso, a IA está cada vez mais presente nos sistemas de edição e de pós-produção de imagens com ferramentas que facilitam e a edição, o tratamento e o armazenamento do material produzido.

À medida que o poder computacional dos nossos dispositivos de captura – sejam eles quais forem – e a capacidade dos sistemas de inteligência artificial aumenta mais nos afastamos da nossa câmara escura e da sua realidade espelhada. Mas estamos nos afastando da captura da verdade? Um debate acirrado atual no mundo fotojornalístico é descobrir até que ponto um fotógrafo pode editar sua imagem original sem cruzar a linha da “verdade” ou, até que ponto a tênue relação da imagem com seu referente permanece. Outra questão é, a quem compete analisar e monitorar o uso de imagens geradas por IAG?

O Conselho Fotográfico Alemão (Fotorat)<sup>11</sup> apontou, em um documento emitido em 2023, os perigos para o discurso social do uso de imagens geradas por AI.

Mesmo que possam existir razões legítimas para criar e oferecer imagens simbólicas universalmente válidas de conflitos ou operações de combate com a ajuda de geradores de imagens de IA, os fornecedores de imagens devem abster-se de atribuir tais imagens fictícias imagens a eventos reais específicos, atribuindo-lhes palavras-chave ou rotulando-as. É enganoso e incita ao abuso, por exemplo, rotular imagens de IA de cidades destruídas como "cidade na Faixa de Gaza" ou imagens sintéticas de homens armados como "rebeldes do Hamas". de imagens de IA na distribuição de direitos de imagem não é suficiente se outras informações de imagem não puderem ser distinguidas das de fotos reais (Conselho Fotográfico Alemão - posicionamento quanto ao uso de geradores de AI. Disponível em: <https://deutscher-fotorat.de/2023/04/20/positionsbestimmung-zu-ki-bildgeneratoren/>. Acesso em 17 de abril de 2024. tradução nossa).

---

<sup>11</sup> <https://deutscher-fotorat.de/>.



---

No documento, mais do que um pedido para não usarmos imagens de AI em materiais jornalísticos, há uma preocupação quanto a quem compete analisar e monitorar tais imagens. Para o Conselho, essa competência é dos meios, não dos usuários a partir de possíveis rótulos nas legendas das imagens.

As agências de notícias possuem (ou devem possuir) políticas rígidas contra a manipulação digital de fotografias, que normalmente só permitem ajustes mínimos, como correção de cores ou remoção de poeira. Qualquer alteração além disso pode ser considerada uma violação das regras jornalísticas e éticas, pois modifica o conteúdo da imagem de maneira que não representa mais fielmente a realidade.

A *National Press Photographers Association (NPPA)* há anos criou um código de ética (disponível em: <https://bop.nppa.org/2024/visual-integrity/>) para jornalistas visuais, produtores e editores de notícias visuais. Resumidamente, estes devem manter um padrão diário de precisão e abrangência na representação dos assuntos, de resistência à manipulação por oportunidades fotográficas encenadas e que a “(...) edição mantenha a integridade do conteúdo e do contexto das imagens fotográficas (...)” (NPPA, 2024).

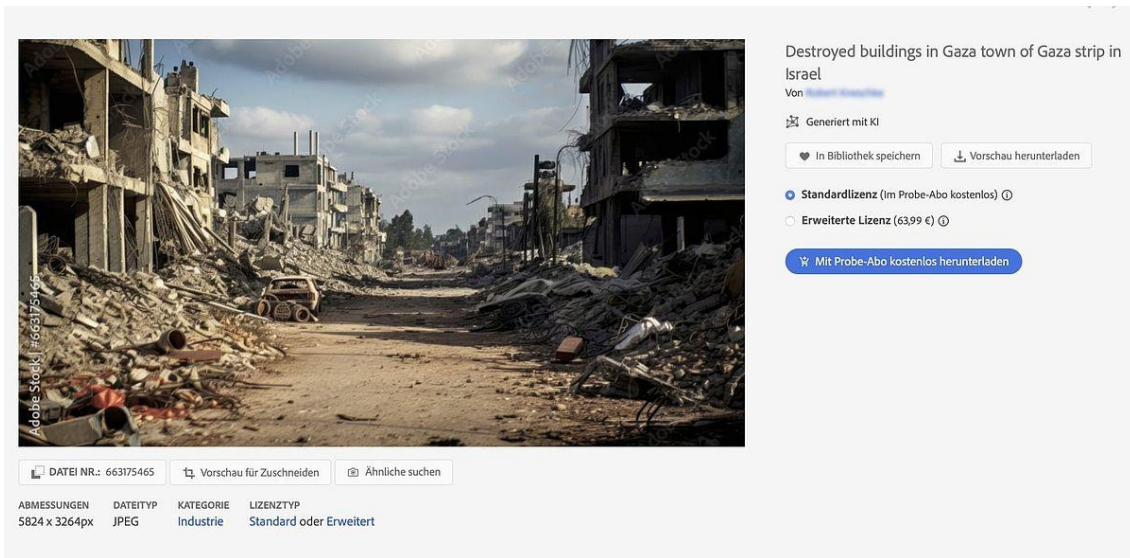
Entretanto, parece que não existem, nas agências sistemas confiáveis de verificação das imagens recebidas/ arquivadas para detectar rapidamente imagens manipuladas ou criadas por Inteligência Artificial. Um exemplo, de como é frágil o controle pelas agências, pode ser visto a partir de uma pesquisa na web.

Sob a palavra-chave "Gaza" (figura 6), por exemplo, podemos encontrar imagens fotorrealistas de cidades destruídas geradas por IA, imagens altamente emocionais de crianças em paisagens de escombros ou retratos de homens armados barbudos rotulados como "guerreiros do Hamas" (figura 7) na descrição da imagem na plataforma *Adobe Stock Photos*, um dos principais bancos de dados de imagens.

As imagens são oferecidas em pé de igualdade com material fotográfico real, etiquetadas de forma idêntica e, em muitos casos, descritas de forma semelhante em termos de conteúdo. Obviamente, existe um alto risco de que, quando tais imagens são compradas, apesar do aviso de IA do fornecedor, os sinais de geração artificial sejam ignorados ou mesmo ignorados nos processos editoriais posteriores até a publicação.

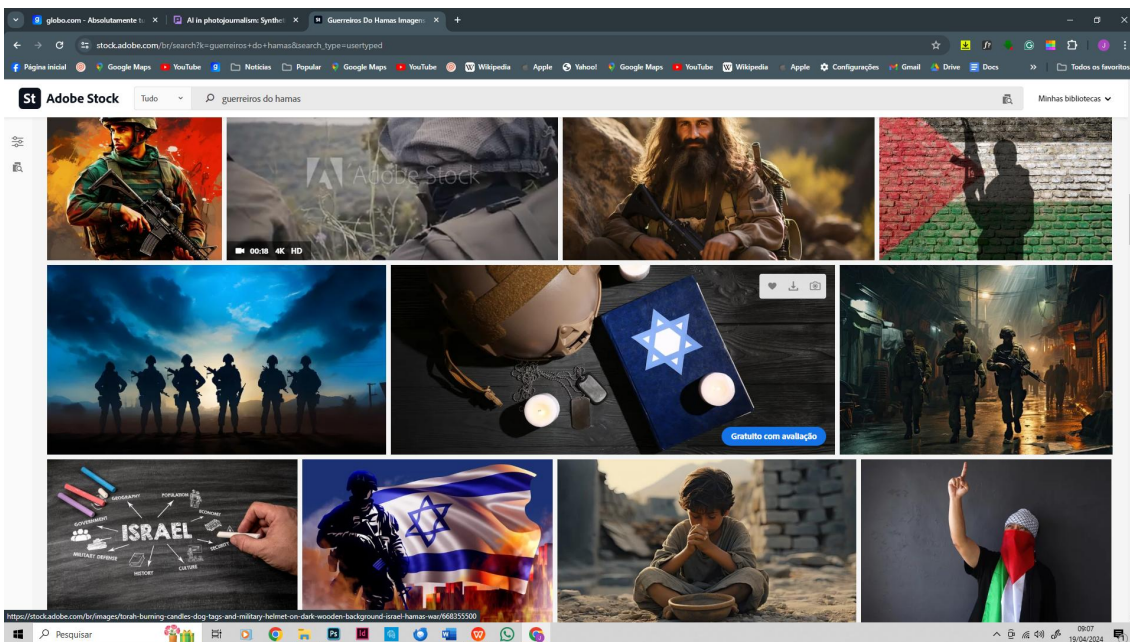
A resposta a este debate é complexa, difícil e, provavelmente, foi respondida antes de qualquer imagem ser tirada. É uma questão ética e sempre foi: se o fotógrafo tem intenção clara de mentir e enganar, não há o que se possa fazer.

**Figura 6 - resultado de pesquisa da palavra “Gaza” nos bancos de imagens**



Fonte: banco de imagens Adobe Stock Photos

**Figura 7 - imagem de pesquisa “guerreiros do Hamas” no banco de imagens da Adobe**



Fonte: Adobe Stock Photos

Robert Capa ao reconstituir determinados eventos durante a 2ª Guerra não teve intenção de mentir ou enganar. Talvez só quisesse mostrar, ao público, o que havia acontecido antes de ter a chance de chegar lá.

Eugene Smith, conhecido por suas fotografias poderosas e muitas vezes controversas, frequentemente retocava suas imagens na câmara escura, alterando contrastes, luzes e sombras para intensificar o impacto emocional. No entanto, ele

defendia que seus retoques eram uma forma de transmitir a verdade emocional dos eventos que fotografava. Ele acreditava que a fotografia deveria ser uma ferramenta para provocar a reflexão e o engajamento.

O *World Press Photo*<sup>12</sup> reforçou em um comunicado, de novembro de 2023, que fotografias tratadas ou geradas por IA não seriam mais aceitas no *World Press Photo Contest* uma vez que, embora fotorrealistas, não são resultado da ação da luz sobre um sensor digital ou um filme e não possuem relação indicial com objetos ou eventos. Segundo os organizadores do concurso, essa decisão foi analisada conjuntamente com representantes profissionais, representantes da *Magnun Photos* e da NPPA.

Uma das conclusões a que chegamos é que ferramentas de IA generativas não podem criar fotografias. Elas podem fazer coisas incríveis e podem criar imagens fotorrealistas ou "semelhantes a fotos" que são facilmente confundidas com fotografias reais. Uma fotografia, por outro lado, captura luz em um sensor ou filme. É um registro de um momento físico. Esta definição (simplificada) de fotografia não resolve todos os dilemas éticos, é claro. Os fotógrafos escolhem para onde apontar suas câmeras, como enquadrar seus assuntos, quais fotos compartilhar ou publicar. Eventos podem ser encenados ou falsificados. Fotos são editadas (usando ferramentas de IA ou outras técnicas). Legendas e outros contextos em torno da imagem podem contribuir para uma compreensão precisa da imagem ou induzir o espectador a pensar que é algo totalmente diferente. Isso significa que a fonte da imagem também é importante. O fotógrafo, o editor de fotos e o publicador precisam ser confiáveis. Levamos nosso papel nisso muito a sério. Seja online ou em uma exposição, as pessoas devem poder confiar em todas as histórias vencedoras do *World Press Photo Contest* (worldpressphoto.org, 2024).

Portanto, para os organizadores do concurso anual do *World Press Photo*, como registros do visível as fotografias jornalísticas devem ser representações justas e precisas do que o fotógrafo testemunhou. Para eles, assim como não são aceitáveis alterações em uma fotografia que enganem o público ou a encenação de eventos retratados como espontâneos, “tampouco se deve publicar uma imagem sintética” (World Press Photo, 2023), fotorrealista, feita por inteligência artificial e fingir que se trata de uma fotografia real e qualquer desvio desses princípios básicos deve ser explicado em uma legenda, crédito ou com um ícone apropriado.

Mas como garantir que profissionais não produzam imagens por IA, que empresas de mídia, inclusive as responsáveis pelas redes sociais digitais, não disseminem tais imagens? Teríamos que ter analistas digitais ou especialistas de plantão para avaliar e garantir a “autenticidade” da fotografia? Com base em quais

---

<sup>12</sup> <https://www.worldpressphoto.org/news/2023/could-an-ai-image-win-old-version> .

---

limites éticos? E, havendo a ultrapassagem dos limites, haveria legislação capaz de combater o problema?

### **Necessidade de marco regulatório**

Provavelmente, a automatização da geração de imagens pode levar à desvalorização do trabalho dos fotojornalistas e gerar desinformação. Mas quais caminhos devem ser trilhados para o controle e combate à desinformação resultante do uso da IAG na produção de imagens fotográficas?

A indústria de mídia cresceu e se tornou o que é, agarrando-se às novas tecnologias, desde a introdução da imprensa até a mídia de transmissão, a internet e as redes sociais digitais. E não nos parece que será diferente com a adoção e utilização da IA. Entretanto, o ritmo de desenvolvimento e adoção da IA excede em muito o dos saltos tecnológicos anteriores, e o faz às custas potenciais de direitos de propriedade intelectual, bem como dos investimentos dos criadores em conteúdo de mídia de alta qualidade.

Apesar das possibilidades tecnológicas do uso das IA para diferentes campos, a falta do controle dessa tecnologia pode ameaçar a sustentabilidade dos sistemas de mídia reduzindo significativamente a confiança do público na independência e na qualidade do conteúdo e ameaçando a viabilidade financeira de seus criadores.

A União Europeia aprovou no final de maio de 2024, uma legislação para o uso e controle da IA<sup>13</sup>. A proposta é garantir que os sistemas de IA utilizados na UE sejam seguros, transparentes, rastreáveis, não discriminatórios e respeitadores do ambiente. Os sistemas de IA devem ser supervisionados por pessoas, em vez de serem automatizados, para evitar resultados prejudiciais. Além disso, o Parlamento Europeu quer também estabelecer uma definição uniforme e neutra em termos tecnológicos para a IA, de modo a ser aplicada em futuros sistemas de IA. A legislação é, em alguns aspectos, avançada e vai entrar progressivamente em vigor até 2027. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)<sup>14</sup> e Governo dos EUA<sup>15</sup> também estão traçando

---

<sup>13</sup> A legislação está disponível em:

[https://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/2023/6/story/20230601STO93804/20230601STO93804\\_pt.pdf](https://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/2023/6/story/20230601STO93804/20230601STO93804_pt.pdf)

<sup>14</sup> OCDE atualiza os princípios para uso Inteligência Artificial - disponível em:

<https://www.cuatrecasas.com/pt/portugal/propriedade-intelectual/art/a-ocde-atualiza-os-seus-principios-sobre-ia#:~:text=No%20dia%203%20de%20maio,e%20de%20confian%C3%A7a%20da%20IA.>

---

limites para o uso das novas tecnologias,

Em agosto de 2023, agências produtoras de notícias e associações profissionais<sup>16</sup>, divulgaram uma carta, destinada aos organizações mundiais e governos (formuladores de políticas) e líderes da indústria de mídia global, propondo princípios para o crescimento regulamentado e responsável de modelos de IA generativa.

Além de delinear as consequências para a indústria da mídia e para o público caso o cenário regulatório global não evolua tão rapidamente quanto a inovação da IA, a carta também expressa apoio à criação de uma estrutura legal apropriada em torno da tecnologia.

A proposta desse grupo de empresas e associações profissionais é que sejam elaboradas ações regulatórias e do setor para impulsionar práticas de IA responsáveis que protejam o conteúdo que alimenta os aplicativos de IA, preservando a confiança do público na mídia. Entre os pontos principais, destacam na carta:

- a) Que haja transparência quanto à composição de todos os conjuntos de treinamento usados para criar modelos de IA;
- b) Que seja exigido o necessário consentimento dos detentores de direitos de propriedade intelectual para o uso e cópia de seu conteúdo em dados e saídas de treinamento;
- c) Que as empresas de mídia possam negociar coletivamente com operadores e desenvolvedores de modelos de IA sobre os termos de acesso e uso de sua propriedade intelectual pelos operadores;
- d) Que plataformas, modelos e usuários de IA generativos sejam capazes de identificar de forma clara, específica e consistente suas saídas e interações como “conteúdo gerado por IA”;
- e) Exigência legal para que plataformas e provedores de modelos de IA generativos tomem medidas para eliminar vieses e desinformação de seus serviços.

### **Educação e capacitação - como trabalhar a formação dos profissionais**

É certo que países e organismos internacionais precisam desenvolver e aplicar legislações específicas. A indústria de mídia, por sua vez, na medida em que inevitavelmente incorpora os sistemas e plataformas de IA, também devem adotar regras e padrões que evitem o uso indevido dos recursos de IA e devem trabalhar para que estes não aumentem a desinformação.

---

<sup>15</sup> Disponível em: Joe Biden assina ordem para regulamentação de IA nos EUA

(<https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/11/nova-ordem-de-joe-biden-regulamentara-modelos-de-ia-que-ameacem-a-seguranca-nacional/>).

<sup>16</sup> Assinam a carta: Agence France-Presse; European Pressphoto Agency; European Publishers Council; Gannett | USA TODAY Network; Getty Images; National Press Photographers Association; National Writers Union; News Media Alliance; The Associated Press; The Authors Guild. Disponível em: <https://nppa.org/news/615>.

---

As mudanças nas empresas de mídia passa por treinamento dos profissionais, criação de novos fluxos de trabalho (IA pode substituir jornalistas em tarefas repetitivas ou permitir que estes se especializem em áreas como análise de dados, jornalismo investigativo ou produção de conteúdo multimídia), reorganizações das redações e setores de apoio técnico, de produção, pós-produção e transmissão de conteúdo. Talvez estas empresas até precisem absorver novos profissionais com perfis mais especializados.

No campo do fotojornalismo, os profissionais não apenas precisam conhecer as ferramentas de IA disponíveis, buscando compreender criticamente suas possibilidades técnicas e expressivas, como também conhecer e exigir transparência dos processos de criação e de preservação do material produzido, exigindo, por exemplo, que empresas e plataformas cumpram as legislações acerca do direito autoral.

As instituições formadoras, especialmente as que atuam no campo da comunicação, com cursos de jornalismo e áreas conexas, precisarão incorporar aos seus currículos o ensino/ aprendizagem de ferramentas de IA (para além do que já se ensina hoje, afinal, a IA já está aí, embarcada em muitas tecnologias usadas), o uso de ferramentas de detecção do uso de IA (como as disponibilizadas pelo movimento “*Writing with Light*”), além de ampliar o espaço destinado a conteúdos como análise de dados, geração de conteúdo para diferentes plataformas, verificação de fatos, etc.

Além disso, os novos profissionais devem ainda ser capazes de:

- a) desenvolver a compreensão dos princípios éticos e da transparência no uso da IA no jornalismo;
- b) desenvolver ainda mais o pensamento crítico para avaliar a confiabilidade e o impacto das informações geradas por IA.;
- c) se familiarizarem com ferramentas de IA que auxiliam na pesquisa, na produção de conteúdo e na edição de textos e imagens.

Além disso, é preciso buscar novas formas e usos para a IA em tarefas e projetos para verificar a autenticidade de informações e combater a desinformação online ou para auxiliar na personalização de notícias e a segmentação de conteúdo para públicos específicos.

Por fim, vale lembrar que as ferramentas de IA podem auxiliar em tarefas repetitivas, mas jamais substituirão o humano na sua capacidade crítica.

---

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOEHMAN, Craig. **Midjourney vs. DALL-E vs. Stable Diffusion: Which Is Better?**. 24 mai. 2023. Disponível em <<https://www.makeuseof.com/midjourney-vs-dalle-vs-stable-diffusion/>>. Acesso em 18 de abril de 2024.
- BROWN, Michael Christopher. **90 miles**. 2023. Disponível em <<http://airlab.co>>. Acesso em 04 de abril de 2024.
- CAPA, Robert. (2004). **Images of War: A Photojournalist's History of World War II**. New York: Random House.
- CONTRAPONTO DIGITAL**: <https://www.terra.com.br/byte/as-dificuldades-para-identificar-imagens-geradas-por-inteligencia-artificial-nas-eleicoes,2454d5b482b272f0e2e684bcb28a9d920w4shs26.html>
- DW Brasil**: <https://www.dw.com/en/fact-check-how-to-spot-ai-images/video-65468031>
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa-preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FLUSSER, Vilém. **Universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- FOLEY, Joseph. **AI image generators: everything you need to know**. Digital Camera World, 21 de dez. de 2022. Disponível em <<https://www.digitalcameraworld.com>> . Acesso em 18 de abril de 2024.
- FOTORAT. **Arbeitsgruppe Technischer Fortschritt**. Disponível em: <<https://deutscher-fotorat.de/2023/04/20/positionsbestimmung-zu-ki-bildgeneratoren/>>. Acesso em 17 de abril de 2024.
- INSPER**: <https://fastcompanybrasil.com/tech/inteligencia-artificial/voce-consegue-identificar-imagens-geradas-por-ia/>
- LITOVSKY, Dina. **The problem of AI photography is not the medium, it's the message**. 25 abr. 2023. Disponível em <<https://dinalitovsky.substack.com/p/the-problem-of-ai-photography-is>>. Acesso em 10 de abril de 2024.
- MACHADO, Arlindo. **A fotografia como expressão do conceito**. Studium, Campinas, SP, n. 2, p. 5–23, 2019. DOI: 10.20396/studium.v0i2.10021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/10021>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- MIDJOURNEY. **Quick start guide** [2024]. Disponível em <<https://docs.midjourney.com/docs>>. Acesso em 07 de abril de 2024.
- PUCARELLI, M.; TAVARES, D. IA e Fotojornalismo: desafios de uma relação delicada e (ainda) em construção. **Revista GEMInIS**, v. 14, n. 3, p. 38–58, 2023.
- THE NEW YORK TIMES. Entrevista: W. Eugene Smith: 'Eu não escrevi as regras, por que devo segui-las?'. N. York, **NYTIMES**, 3 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/lens.blogs.nytimes.com/2013/01/03/w-eugene-smith-i-didnt-write-the-rules-why-should-i-follow-them/>.
- SMITH, Eugene. (1989). W. Eugene Smith: **Photographs 1950-1987**. New York: Aperture.
- World Press Photo**: <https://www.theverge.com/2023/11/21/23970682/world-press-photo-contest-generative-ai-rules-guidelines>.
- WRITING WITH LIGHT**. Disponível em <https://wwlight.org/>. Acesso em 30/maio/2024.